

## Santo Estêvão 26 de Dezembro

Santo Estêvão é o primeiro mártir do cristianismo, sendo considerado santo por algumas das denominações cristãs (católica, ortodoxa e a anglicana). É celebrado em 26 de Dezembro no Ocidente e em 27 de Dezembro no Oriente. O seu nome é grego Στέφανος (*Stephanós*), que o aramaico traduz por **Kelil**, que quer dizer *coroa*.

### Estêvão e os Sete

A multidão dos que tinham acreditado (em Jesus), era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum... Não havia entre eles necessitado algum. De facto os que possuíam terrenos ou casas, vendiam-nos e traziam os valores das vendas e os depunham aos pés dos apóstolos. Distribuía-se, então a cada um conforme a sua necessidade... (cfr. Ac. 4, 32-35; cfr. Ac. 2,42-47)

Naqueles dias, aumentando o número dos discípulos, surgiram murmurações dos helenistas contra os hebreus<sup>1</sup>. Porque, diziam aqueles, as suas viúvas estavam a ser descuradas na distribuição diária. Os Doze convocaram então a multidão. Dos discípulos e disseram: *"Não convém que abandonemos a Palavra de Deus para servir às mesas. Procurai, antes, entre vós, irmãos, sete homens de boa reputação, repletos do Espírito e de sabedoria, e nós os encarregaremos dessa tarefa. Quanto a nós, permaneceremos assíduos à oração e ao ministério da Palavra"*. A proposta agradou a toda a multidão. E escolheram **Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo**, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timon, Pármenas e Nicolau, prosélito de Antioquia. Apresentaram-nos aos apóstolos que, tendo orado, impuseram-lhes as mãos. E a palavra do Senhor crescia. O número dos discípulos multiplicava-se consideravelmente em Jerusalém, e foi notável o grupo de sacerdotes que obedecia à fé.

**Estêvão**, cheio de graça e de poder, operava prodígios e grandes sinais entre o povo. Intervieram então alguns da sinagoga chamada dos libertos, dos cireneus e alexandrinos, dos da Cilícia e da Ásia, e puseram-se a discutir com Estêvão. Mas eram incapazes de resistir à sabedoria e ao Espírito com que falava. Subornaram então alguns para dizerem: *"Ouvimo-lo pronunciar palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus"*. Amotinaram assim o povo, os anciãos e os escribas que, chegando de improviso, arrebataram-no e levaram-no à presença do Sinédrio. Aí apresentaram testemunhas, falsas que depuseram: *"Este homem não cessa de falar contra este lugar santo e contra a Lei. Pois ouvimo-lo dizer repetidamente que esse Jesus, o Nazareno, destruirá este Lugar e modificará os costumes que Moisés nos transmitiu"*. Todos os membros do Sinédrio, com os olhos fixos nele, tiveram a impressão de ver em seu rosto, o rosto de um anjo.

O Sumo-sacerdote perguntou: *"As coisas são mesmo assim?"* E ele respondeu: «Irmãos e pais, ouvi. O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão, ainda na Mesopotâmia, antes que se estabelecesse em Harã, e disse-lhe: *"Sai da tua terra e da tua parentela, e vai para a terra que eu te mostrarei"*. Saindo, pois, da terra dos caldeus, veio estabelecer-se em Harã. Dali, após a morte de seu pai, Deus o transferiu para esta terra, na qual vós agora habitais. Nela não lhe deu herança alguma, nem sequer o equivalente a um passo. Mas prometeu que lhe daria em propriedade, a ele e à sua descendência depois dele, embora não tivesse filho. E falou-lhe Deus que *a sua descendência seria peregrina em terra estrangeira, e a escravizariam e a maltratariam por quatrocentos anos. Mas a nação da qual serão escravos, eu a julgarei*, disse Deus. *Depois disto sairão de lá e me renderão culto neste Lugar*. Deu-lhe em seguida a aliança da circuncisão. Por isso, tendo gerado Isaac, Abraão circuncidou-o no oitavo dia. E Isaac fez o mesmo a Jacó, e Jacó aos doze patriarcas.

Os patriarcas, invejosos de José, venderam-no para o Egipto. Mas Deus estava com ele e o livrou de todas as suas tribulações: deu-lhe graça e sabedoria diante do faraó, rei do Egipto,

---

<sup>1</sup> Dois grupos culturais de discípulos: uns de língua grega outros de língua aramaica.

que o nomeou superintendente do Egito e de toda a casa real. Sobreveio então a fome sobre todo o Egito e Canaã. A aflição era grande, e nossos pais não encontravam mantimentos.

Ao saber que no Egito havia trigo, Jacó enviou para lá nossos pais, uma primeira vez. Na segunda vez José deu-se a conhecer a seus irmãos, e tornou-se conhecida do faraó a sua origem. José mandou então buscar Jacó, seu pai, e toda a sua família, em número de setenta e cinco pessoas. Desceu Jacó para o Egito e aí morreu, ele e também nossos pais. Seus restos foram trasladados a Siquém e depostos no sepulcro que Abraão comprara a dinheiro aos filhos de Emor, pai de Siquém.

Aproximava-se, porém, o tempo da promessa que Deus fizera solenemente a Abraão. O povo foi crescendo e multiplicando-se no Egito. Mas surgiu no Egito outro rei, que já não conhecera José. E, usando de astúcia para com a nossa raça, atormentou nossos pais a ponto de obrigá-los a expor os nossos recém-nascidos, para que não sobrevivessem. Nesse momento nasceu Moisés, que era belo aos olhos de Deus. Por três meses foi sustentado na casa paterna. Depois, tendo sido exposto, recolheu-o a filha do faraó e o criou como seu próprio filho. Assim foi Moisés iniciado em toda a sabedoria dos egípcios, e tornou-se poderoso em suas palavras e obras.

Ao completar quarenta anos, veio-lhe à mente a ideia de visitar seus irmãos, os filhos de Israel. Ao ver um deles maltratado injustamente, tomou a sua defesa e vingou o oprimido, matando o egípcio. Julgava que seus irmãos compreenderiam que Deus queria salvá-los por meio dele. Mas não o compreenderam. No dia seguinte, apareceu quando alguns deles se agrediam e tentou reconduzi-los à paz, dizendo: *Homens, sois irmãos: porque vos maltratais um ao outro?* Então, o que maltratava o companheiro repeliu-o, dizendo: *Quem te constituiu chefe e juiz sobre nós? Pretenderás matar-me, da mesma forma como ontem mataste o egípcio?* A estas palavras, Moisés fugiu e foi viver como forasteiro na terra de Madiã, onde gerou dois filhos.

Decorridos quarenta anos, apareceu-lhe um anjo no deserto do monte Sinal, na chama de uma sarça-ardente. Ao percebê-lo, Moisés ficou admirado com o que via. E, aproximando-se para ver melhor, fez-se ouvir a voz do Senhor: *Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó.* Todo a tremer, Moisés não ousava olhar. E o Senhor disse-lhe: *Tira as sandálias dos pés, pois o lugar que pisas é terra santa. Eu vi, eu vi o sofrimento do meu povo no Egito, e ouvi os seus gemidos. Por isso descí para livrá-los. Agora vem, eu vou enviar-te ao Egito.*

Este Moisés, a quem tinham negado com as palavras: *Quem te constituiu chefe e juiz,* Deus o enviou como chefe e redentor, com a assistência do anjo que lhe apareceu na sarça. Foi ele quem os fez sair, operando prodígios e sinais na terra do Egito, no mar Vermelho e no deserto, durante quarenta anos. Foi ele, Moisés, quem disse aos filhos de Israel: *Deus vos suscitará, dentre os vossos irmãos, um profeta como eu.* Foi ele que, na assembleia do deserto, esteve com o anjo que lhe falava no monte Sinai e também com nossos pais; foi ele quem recebeu as palavras de vida para no-las transmitir. Mas nossos pais não quiseram obedecer-lhe. Antes, repeliram-no e, nos seus corações, voltaram para o Egito, ao dizerem a Aarão: *Faz-nos deuses que caminhem à nossa frente. Pois deste Moisés, que nos fez sair da terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu.* E nesses dias fizeram um bezerro e ofereceram sacrifício ao ídolo, regozijando-se com as obras de suas mãos. Deus então voltou-se contra eles e os entregou ao culto do exército do céu<sup>2</sup>, como está escrito no livro dos Profetas:

*Acaso me ofereceste vítimas e sacrifícios  
Durante quarenta anos no deserto, ó casa de Israel?  
Entretanto, carregastes a tenda de Moloc  
E a estrela do deus Refã  
Figuras que havias feito para adorar;*

---

<sup>2</sup> Culto dos astros.

*Por isso eu vos deportarei para além de Babilónia<sup>3</sup>.*

A Tenda do Testemunho esteve com nossos pais no deserto, segundo ordenara aquele que falava a Moisés, determinando que a fizesse conforme o modelo que havia visto. Tendo-a recebido, nossos pais, guiados por Josué, a introduziram no país conquistado às nações que Deus expulsou diante deles, até aos dias de Davi. Este encontrou graça diante de Deus e suplicou-lhe o favor de dispor morada para a casa de Jacó. Foi Salomão, porém, que lhe construiu uma casa. Entretanto, o Altíssimo não habita em obras de mãos humanas, como diz o profeta:

*O céu é o meu trono,  
E a terra, o estrado de meus pés.  
Que casa me construireis, diz o Senhor,  
Ou qual será o lugar do meu repouso?  
Não foi a minha mão que fez tudo isto?<sup>4</sup>*

Homens de dura cerviz, incircuncisos de coração e de ouvidos, que resistis sempre ao Espírito Santo! Como foram vossos pais, assim também vós! A qual dos profetas vossos pais não perseguiram? Mataram os que prediziam a vinda do Justo, de quem vós agora vos tornastes traidores e assassinos, vós, que recebestes a Lei por intermédio de anjos, e não a guardastes!

Ouvindo isto, tremiam de raiva em seus corações e rangiam os dentes contra ele.

Estêvão, porém, repleto do Espírito Santo, fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus, e Jesus, de pé, à direita de Deus. E disse: "*Eu vejo os céus abertos, e o Filho do Homem, de pé, à direita de Deus*". Eles, porém, dando grandes gritos, taparam os ouvidos e precipitaram-se à uma sobre ele. E, arrastando-o para fora da cidade, começaram a apedrejá-lo. As testemunhas depuseram seus mantos aos pés de um jovem chamado Saulo. E apedrejaram a Estêvão, enquanto este invocava e dizia: "*Senhor Jesus, recebe meu espírito*". Depois, caindo de joelhos, gritou em voz alta: "*Senhor, não lhes leves em conta este pecado*". E, dizendo isto, adormeceu.

Ora, Saulo estava de acordo com a sua execução. Naquele dia, desencadeou-se uma grande perseguição contra a Igreja que estava em Jerusalém. Todos, com exceção dos apóstolos, dispersaram-se pelas regiões da Judeia e da Samaria.

Entretanto, alguns homens piedosos sepultaram Estêvão, fazendo grandes lamentações por ele.

Quanto a Saulo, devastava a Igreja: entrando pelas casas, arrancava homens e mulheres e metia-os na prisão.

**(Santo Estêvão, relato dos Actos dos Apóstolos, capítulos 6, 7 e 8,1-3.)**

### **Estêvão, 26 de Dezembro**

Lat.: Stephanus Protomartyr. Fr. Arc.: Estèphe, Estève, Estien, Estienne; Stapin, Stéphane; Thévenin, Thévenot. Fr.: Étienne. It. Stefano protomartire. Port.: Estêvão. Ingl.: Stephen the protomartyr. Al.: Stephanus, Stephan der Erzmärtyrer: Steffel, Steff. Hung.: István. Rus.: Stéfane, Arjidiakone Stefane; Stenka.

### **LEGENDA**

*Diácono* cujo nome grego (*Stephanos*) significa coroa. Lapidado pelos judeus, que o acusavam de blasfemar contra Moisés, foi o primeiro mártir (protomartyr) da fé cristã. Santo Agostinho chamou-lhe *primicerius martyrum*. Os gregos tinham-no apelidado *Lithobolite*, «o Lapidado».

Segundo a *Vita fabulosa sancti Stephani protomartyris*, cujo texto manuscrito do século X se conserva em Montecassino, no dia em que nasceu foi arrebatado por Satanás que, para o substituir, pôs no berço um pequeno demónio. Depois, deixou o menino enfaixado à porta de um bispo chamado

<sup>3</sup> Cfr. Am 5, 25-27 LXX

<sup>4</sup> Cfr. Is 66, 1-2

Julião. O bispo ouviu berros, saiu de casa e encontrou a criança que era amamentada por uma corça branca que tomando a palavra aconselhou-o a adotar o recém-nascido.

Algum tempo depois, Estêvão regressou à casa paterna e, com o sinal da cruz, expulsou o demônio que ocupava o seu lugar e que então apareceu em forma de diabo peludo, cornudo, com patas, asas de morcego e cauda comprida.

Ordenado diácono pelos doze apóstolos, discutiu com os retóricos judeus que o prenderam e condenaram por blasfêmia a morrer lapidado. Saulo, o futuro S. Paulo, tinha ajudado os seus verdugos guardando os seus mantos. Segundo Gregório de Nisa (Capadócia), ao mártir esse apedrejamento causou-lhe o mesmo efeito de uma suave queda de neve<sup>5</sup>.

Seu corpo exposto às feras foi sepultado por Gamaliel, que, quatrocentos anos depois, apareceu ao sacerdote Luciano para revelar-lhe o lugar da sepultura. Gamaliel informou que santo Estêvão tinha sido enterrado junto do seu filho Abibas e de seu sobrinho Nicodemos e indicou-lhe a maneira de identificar os quatro corpos. Mostrou-lhe três vasos de ouro e um de prata. Um dos vasos de ouro continha rosas vermelhas, os outros dois rosas brancas, enquanto o de prata, estava cheio de açafreão. Esses vasos, disse, são nossos féretros. O de rosas vermelhas assinala o féretro de santo Estêvão, o único que mereceu a coroa do martírio. Os dois vasos de rosas brancas são os féretros de Gamaliel e Nicodemos, o de prata, cheio de açafreão, é o de Abibas.

Esta aparição repetiu-se três vezes. Luciano foi a Jerusalém e contou a visão ao bispo Juan. Este, acompanhado por toda sua clerezia, desenterrou os quatro féretros. O vaso de rosas vermelhas, situado junto da cabeça de santo Estêvão permitiu identificar o corpo do protomártir.

Estas preciosas relíquias foram transportadas de Jerusalém a Constantinopla. Uma viúva chamada Juliana, que queria retirar el corpo do seu marido inumado junto a santo Estêvão, por erro, levou consigo para Constantinopla os restos mortais do mártir, mesmo que os demônios procurassem impedi-lo, provocando uma tempestade. O imperador ordenou que o corpo do santo fosse depositado no seu palácio. Porém as mulas, que se negaram a avançar, fizeram compreender a todos que o santo queria descansar numa igreja. Mais tarde, as relíquias de santo Estêvão migraram para Roma. À falta de restos corporais do mártir, disputaram-se as pedras dos seus lapidadores<sup>6</sup>.

## **CULTO**

### **Lugares de culto**

As igrejas dedicadas a santo Estêvão são excepcionalmente numerosas em todos os países da Europa.

A difusão do culto do protomártir foi favorecida por santa Eudócia no Oriente bizantino e por santo Agostinho e pelo Papa Sixto no Ocidente.

### **Italia**

As relíquias de santo Estêvão se juntaram com as do diácono S. Lourenço na basílica romana de S. Lourenço Extramuros. Contudo muitas igrejas de Roma se jactavam de possuir fragmentos.

El Papa Pelágio teria oferecido o braço direito do protomártir à basílica de S. Pedro. A igreja de Santa Praxedes conservava o outro braço e uma pedra da sua lapidação; a de Santa Maior, um dente; a de S. Clemente, uma das costelas, e as de S. Paulo Extramuros e S. Silvestre, fragmentos do seu crânio.

Numerosas igrejas de Roma estavam sob a sua advocação. O templo de Vesta nas margens do Tibre, foi colocado sob a advocação de santo Estêvão com o nome de San Stefano delle Carrozze (das carruagens). San Stefano Rotondo elevava-se sobre a colina do Coelius. Por trás da ábside da basílica de S. Pedro edificou-se a igreja de San Stefano degli Abissini, próximo de um hospício edificado, em 1159 para os abissínios.

O culto de santo Estêvão difundir-se-á em todas as províncias de Itália. No norte, a catedral de Génova que possuía a sua mão esquerda e a de Pavia, estavam sob sua advocação; também era venerado em Veneza e na igreja de San Stefano in Castello de Verona. Em Florencia, Toscana, uma igreja tinha o nome de San Stefano della Badia, em Arezzo, Forlí e Prato santo Estêvão não só era o patrono

---

<sup>5</sup> Stephanus gaudet lapidibus ac veluti suavem rorem, crebos lapidum ictus, in modum floccorum nivis incidentium, corpore cupide excipit.

<sup>6</sup> Uma dessas pedras, embutida num relicário, se encontrava no tesouro da catedral de Nancy antes da Revolução. Os comerciantes de relíquias, que só deviam agachar-se para as recolher, multiplicaram-nas ao ponto de que se fossem amontoadas todas, ter-se-ia podido levantar uma pirâmide mais alta que o protomártir.

das catedrais, mas também das cidades. Em Ancona, nas margens do Adriático, se conservava preciosamente uma das pedras da sua lapidação, que depois de ter golpeado o cotovelo do santo, saltou sobre um dos espectadores que a conservou por piedade. Quando viajou para Ancona, numa visão, o espectador recebeu a ordem de a deixar ali e, desde então que existe uma capela de Santo Estêvão na localidade.

### **França**

O culto de santo Estêvão em França era igualmente popular. Há dez catedrais sob sua advocação. E antes houve ainda mais. Em Paris, santo Estêvão foi substituído por Nossa Senhora (Notre Dame), em Orleans pela Santa Cruz (Sainte Croix), em Lyon por S. João e em Arles por S. Tróximo.

Uma das principais cidades de França tem o seu nome. Em 1040, S. Roberto, fundador da abadia de La Chaise Dieu, aumentou uma capela em Furania (Forez) que pôs sob a advocação de santo Estêvão. À volta da capela, formou-se uma cidade chamada no princípio Saint Étienne de Furan (S. Stephanus de Furanis) e, depois, simplesmente Saint Étienne.

Cerca de 30 igrejas e catedrais ou mais e uma grande variedade de relíquias.

### **Espanha**

Trinta e oito localidades conservam o nome de santo Estêvão e igrejas sob sua advocação em Burgos, Segóvia e Valencia.

### **Inglaterra**

Capela em Westminster, Londres. Igrejas em Bristol e Lymne (Kent).

### **Alemanha e Áustria**

Corvey. Halberstadt (catedral). Maguncia (igreja). Espira (catedral). Passau (catedral). Viena (Catedral). Weihenstephan, em Baviera, cerca de Freising (santuário).

## **Na diocese do Porto Santo Estêvão é o padroeiro de sete paróquias.**

### **Patrocínio**

Os patrocínios de santo Estêvão são menos numerosos que os lugares de culto. Não obstante pertence à categoria dos santos curadores. Segundo santo Agostinho, citado por Tiago de Voragine, na *Legenda Dourada*, era costume pôr-se flores sobre o altar de santo Estêvão porque se utilizavam para aliviar os enfermos e a roupa branca depositada curava as enfermidades da medula.

Também se atribuía a santo Estêvão a cura da tinha, talvez por um jogo de palavras. Na igreja de Josselin (Morbihan), los tinhosos depositavam como oferenda pequenos sacos de trigo perante o busto de prata do santo. Também se invocava por causa das pedras da sua lapidação contra os cálculos renais e as dores de cabeça.

## **ICONOGRAFIA**

Santo Estêvão representa-se como jovem e imberbe, com estola e dalmática de diácono. A partir do século XV teve, como atributos, um livro na mão ou na dobra da sua dalmática, salvo se o levasse sobre a cabeça ou num dos ombros e as pedras da lapidação que às vezes estarão vermelhas de sangue ou são douradas. Os restantes, menos pessoais, são o Livro dos Evangelhos cuja guarda competia aos diáconos e a palma do martírio.

### **Figuras**

**Séc. VI:** Mosaico do arco de triunfo da igreja de S. Lourenço Extramuros (fora de muros), Roma.

**Séc. VIII:** Fresco em Santa Maria la Antigua. Roma.

**Séc. X:** Fresco carolíngio. Igreja de Mals, Tirol.

**Séc. XII:** Fresco em Schwarzheld, próximo de Bonn. - Estátua coluna de mármore. Portada norte da igreja de Valcabrère, próximo de Saint Bertrand de Comminges (Haute Garonne).

**Séc. XIII:** Estátua da portada central da catedral de Saint Étienne de Sens, obra-mestra da escultura francesa (c. 1200). O jovem diácono que veste dalmática, apresenta o Livro dos Evangelhos com ambas as mãos. Esta estátua salvou-se, em 1793, só porque lhe puseram um gorro frígio. -Estátua da portada sobre o transepto da catedral de Chartres. – Estátua da portada norte do transepto da

catedral de Meaux. - Estátua do ângulo do átrio lateral sul da catedral de Bourges. A estátua da portada de Saint Étienne é moderna, como a de Notre Dame de Paris. - Estátua que decora o capitel historiado da fachada de Saint Père sous Vézelay. - Estátua no desbordamento da Porta de Adão, da catedral de Bamberg. - Antipêndio de Goslar. - Escola do Mosa. Estatueta de prata dourada desprendida de um relicário, c. 1220. Museu dos Claustros, Nova York.

**Séc. XIV:** Giotto. Museu Horne, Florença. Painel de um políptico de que formava parte o S. Lourenço de Châalis.

**Séc. XV:** Ghiberti. Estátua de bronze. Igreja de San Michele in Orto, Florença. - Jean Fouquet. Santo Estêvão apresentando à Virgen Étienne Chevalier, tesoureiro do rei Carlos VII. Painel do díptico de Melun. Museu de Berlim. Sobre o livro que leva, há um pedaço de sílex talhado, chamado «pedra de raio», que se considera um amuleto. - Carpaccio. Brera. O santo leva as pedras da lapidação sobre a cabeça e os ombros. - França. O santo leva um livro sobre o qual há três pedras manchadas de sangue.

**Séc. XVI:** Pier Francesco Bissolo. O protomártir leva duas pedras da lapidação, uma sobre a cabeça e a outra sobre o ombro esquerdo. Brera, Milán. - Estátua do retábulo oferecido à catedral de Sens pelo arcebispo de Sallazar, 1515. O santo diácono tem uma pedra num dobre da dalmática. - Tilman Riemenschneider. Estátua jacente de madeira. Museu de Wurzburg. - Greco. O enterro do conde de Orgaz. Igreja de Santo Tomé. Toledo. Santo Estêvão em dalmática de diácono e na parte inferior está bordada a sua lapidação, forma par com santo Agostinho, representado como bispo.

**Louis Réau, Iconografia del arte cristiano, Tomo 2 Vol 3, 2ª ed. 2000 ed. Del Serbal, Barcelona**

### **A vida de Santo Estêvão, protomártir, 26 Dezembro**

*«Ontem – disse o glorioso santo Agostinho – celebramos o nascimento no mundo do Rei dos mártires. E hoje celebramos o dia em que o Principal e Capitão dos mártires, saiu do mundo. Porque era conveniente que, para dar vida aos mortais, o imortal se vestisse primeiro de carne. E que depois o homem mortal, por amor a Deus imortal, menosprezasse a morte. E, por isto, nasceu o Senhor para morrer pelo servo, para que o servo não temesse morrer pelo seu Senhor. Nasceu Cristo na terra, para que Estêvão nascesse no Céu».* Isto é de santo Agostinho ou, como outros dizem, de S. Fulgêncio. A história do Martírio de Santo Estêvão foi escrita pelo Sagrado evangelista S. Lucas no Livro dos Actos dos apóstolos, deste modo

Tendo o Príncipe dos sacerdotes e muitos da seita dos saduceus, com falso zelo da sua lei e por instinto do demónio, procurado estorvar os apóstolos para que não pregassem o nome de Jesus Cristo ao povo, açoitando-os e ameaçando-os e os apóstolos, recebendo-o com gozo, por se verem maltratados pelo seu Senhor, diz S. Lucas, que a Igreja de Cristo crescia florescia cada dia mais e se multiplicava o número dos cristãos que, então, se chamavam discípulos, porque as obras de Deus são como a chama que, com os ventos das perseguições, cresce e, como o ouro, que com o crisol e fogo se afina. Crescia a multidão dos que acreditavam em Cristo, não apenas em número, mas em santidade e perfeição, de maneira que os fiéis vendiam as suas propriedades e o preço delas era trazido e lançado aos pés dos apóstolos, como coisa baixa e soez, que eles é que recebiam os benefícios ao querer os apóstolos aceitá-la e servir-se dela em utilidade dos pobres e dos necessitados. Ninguém tinha nada de seu, mas o que possuíam era pertença comum, de todos. E a cada um era dado o que necessitava, sem acepção de pessoas. Cuidavam de assistir, particularmente as viúvas, como as mais necessitadas de consolo e alívio. Como o número de fiéis tinha aumentado muito e os encarregados de repartir as esmolas já não o fizesse com a desejada igualdade, os hebreus que tinham nascido na Grécia, começaram a queixar-se e a murmurar, porque já não se cuidava tão bem das suas viúvas, como das dos hebreus que eram naturais da Judeia, parecendo-lhes que se prejudicava e se tratava delas de forma desigual e que entre tanta gente mesmo que seja santa, não está bem que haja qualquer imperfeição, murmurações e queixas. Logo que os santos apóstolos se deram conta do que se passava, e a razão que havia para tal, reuniram a multidão dos fiéis e disseram que não era conveniente que deixassem eles de dar alimento às almas com a sua pregação, a fim de dar de comer aos corpos e cuidar de um assunto de menos importância. Pediram que escolhessem sete varões (nem crianças, nem muito velhos que ou não soubessem ou não tivessem forças para desempenhar aquele

ministério) e pessoas conhecidas e aprovadas e cheias do Espírito Santo e de sabedoria, para se ocuparem daquele piedoso ofício, a fim de que eles assim libertados de tal ofício pudessem dedicar-se, com mais liberdade, à oração e à pregação da palavra de Deus. Pois que o pregador, para inflamar os seus ouvintes com a sua palavra, deve primeiro ser iluminado e inflamado por Deus na oração e nela colher o que deve derramar aos outros. Pareceu bem à multidão o que propuseram os apóstolos e escolheram sete homens de boa fama e apresentaram-nos. Os apóstolos impuseram sobre eles as suas mãos ordenando-os diáconos, para o cuidado da partilha das esmolas e prover os fiéis no que precisassem e também para se ocupar da pregação do Evangelho e no resto que seja necessário e lhes diga respeito.

2. Entre estes, o mais destacado foi Estêvão, varão (como diz o texto sagrado) cheio de fé e do Espírito Santo que logo começou a desempenhar o seu ofício com tão grande vigilância e caridade que os bens dos pobres estava muito bem em suas mãos, porque não os deixava perder-se por descuido, nem os repartia por interesse, nem se enfadava por palavras e queixas dos que os recebiam e tratando obrigatoriamente com mulheres, a quem dava de comer, era tão recatado e honesto que todos podiam receber dele ensinamento de castidade e pureza. Para além disso, ocupava-se em pregar e Deus fazia por ele tantos milagres e resplandecia na sua vida uma graça e fortaleza do céu tão rara que a todos causava espanto. Isto foi de tal modo que S. Clemente, Papa, discípulo de S. Pedro, falando em nome dos apóstolos que ordenaram os sete diáconos, disse que no amor para com Deus, Sto. Estêvão não era inferior aos próprios apóstolos. Havia em Jerusalém algumas Sinagogas ou escolas, à maneira de Colégios, quais vinham estudantes moços, de algumas Províncias e da nação Hebreia, para que nessa cidade, cabeça do seu povo, onde estava o Templo de Deus e florescia o culto da sua religião, aprendessem a lei de Moisés e as cerimónias e tradições com as quais Deus queria ser servido, pois que estas eram letras que aprendiam, como agora, vão às universidades os que querem estudar várias artes e ciências. De cinco destes Colégios ou Sinagogas, dos Libertinos, dos Cirenenses, dos Alexandrinos, dos estudantes que vieram das províncias da Cilícia e da Ásia, saíram a disputar com Sto. Estêvão, por o considerarem muito culto e tão fervoroso e que, na graça e força da sua pregação, acompanhada de tantos prodígios e milagres, com enormes estragos no seu povo e convertia a muitos à fé em Jesus Cristo, a quem tinham como seu inimigo e destruidor da sua lei. Disputaram muitas vezes com o santo levita, e sempre foram vencidos, sem saber responder aos argumentos que lhes trazia, nem à sabedoria e espírito daquele em quem Deus falava. Sentiram-se tão afrontados e destroçados que determinaram dar a morte, a quem não podiam vencer, com razões e argumentos. Para realizar o seu projecto, buscaram testemunhas falsas, para o acusarem diante do Sumo-sacerdote. E, pondo o povo em alvoroço e os anciãos e escribas, lançaram mão de Sto. Estêvão, levaram-no ao seu conselho, caluniando-o por ter dito que Jesus Nazareno haveria de destruir aquele lugar e mudar as tradições que Moisés lhes havia dado. Uma e outra coisa eram falsas, porque Sto. Estêvão não havia dito tal. A verdade é que eles assim pensavam e temiam, interpretando mal e trocando as palavras que nosso Senhor Jesus Cristo havia dito, como costumam fazer os que procuram ocasião para prejudicar quem têm como inimigo. Estando o Santo Levita no Conselho, tendo o Sumo-sacerdote ouvido a acusação, perguntou-lhe se era verdade o que aquelas testemunhas diziam. Todos quantos ali estavam sentados, puseram os olhos em Santo Estêvão (como habitualmente se costuma fazer, quando o réu está diante dos juizes e, perguntado, dá razão de si) e diz o texto sagrado que viram o seu rosto como o rosto de um anjo: porque o Espírito Santo que estava interiormente na sua alma, resplandecia e enviava os seus raios, exteriormente, ao corpo. E como estava inocente e sem culpa e tão senhor de si e nada tinha a temer, mostrava na cara o que tinha no peito. E como diz Eusébio Emisseno, da abundância do coração saía a formosura do corpo e a pureza interior redundava em compostura exterior e a luz escondida dentro se via como em seu espelho, na frente. Isto diz Emisseno. Mas que maravilha que parecesse um Anjo, ele que era anjo de castidade? Ele que como anjo, não preocupado pelo seu corpo, imitava a fortaleza e a virtude dos anjos? E estando cheio do Espírito Santo já representava aquela vida angélica e celeste?

Pois que se a cara de Moisés resplandeceu tanto, quando trouxe do monte a Lei velha, que maravilha que a cara de Estêvão tenha resplandecido como cara de Anjo, quando explicou a Lei nova e engrandeceu o verdadeiro Legislador? E como o Sumo-sacerdote tivesse perguntado a Santo Estêvão se era verdade o que contra ele se dizia, o santo, abrindo a mão, fez um discurso longo, começando desde que Deus apareceu a Abraão e lhe mandou que saísse da sua terra e fosse para a que lhe mostraria, referindo desde então o percurso que o povo de Israel tivera e os benefícios que Deus lhe fizera, sobretudo pela mão de Moisés, a quem Deus fizera Príncipe e Redentor de seu Povo, enviando-o ao Egito, para que o libertasse, como fez, com tantas maravilhas e prodígios. E tendo-se, finalmente, mostrado sapientíssimo nas divinas palavras e engrandecido Moisés, como ministro de Deus e profeta excelentíssimo que anunciara que Deus enviaria outro profeta da sua linhagem e sangue (que seria o Messias) a quem deveriam ouvir e obedecer e respondendo ao que falsamente o acusavam, incendiado de zelo, repreendeu-os gravemente, porque eram desagradecidos e rebeldes a Deus e homens de dura cerviz, imitadores dos seus antepassados, que haviam perseguido e morto cruelmente os profetas que Deus enviara. E piores que os seus pais, prenderam e crucificaram o Santo e o Justo que os profetas anunciaram e pregado ao povo que havia de vir. Ao ouvir isto, os que estavam presentes, foi incrível o desgosto e o ódio que conceberam contra o Santo diácono. Desfaziam-se dentro de si e arreganhavam os dentes contra ele, desejando deitar-lhe as mãos e dar cabo dele. Estêvão levantou os olhos ao céu e viu uma imensa claridade corporal que representava a glória de Deus e Jesus Cristo à direita de Deus, como quem se aprestava a ajudá-lo e a tornar benigna aquela rigorosa angústia. Teve esta visão para que, tendo dito pouco antes que os judeus tinham matado Jesus Cristo, o pregasse vivo e não apenas ressuscitado, mas também glorioso no Céu e sentado à direita do Pai. E, ainda, para que com aquela vista se animasse a morrer por quem tinha morrido por ele e compreendesse que lhe estava aberto o Céu e Jesus muito pronto e preparado para o ajudar. E, também, que não há tribulação nem mal algum tão grande que com o amparo e força do Senhor não se possa vencer. Foi tanto o gozo e o esforço que o Santo Levita recebeu com aquela visão que não se pôde conter, que não o extravasasse e disse: *Olhai que vejo os céus abertos e o Filho do Homem à direita de Deus.* Ao ouvir estas palavras, aquela gente pérfida, que procurava ter motivo para se vingar do valoroso Soldado do Senhor, levantou a voz em grito, dizendo: *Morra, morra o blasfemo.* Porque tinham por blasfêmia dizer que estava no céu à direita de Deus, aquele que tinham condenado por malfeitor e, por isto, taparam os seus ouvidos e atiraram-se a ele, prendendo-o e o levaram para fora da cidade, para o apedrejar como blasfemo, pois que assim mandava a Lei. E para o fazerem convenientemente e estar mais desembaraçados, desnudaram-se das suas roupas e entregaram-nas à guarda de Saulo que era primo do mesmo Santo Estêvão (como diz Ecumenio – séc X?) e moço ardente, cujo sangue lhe fervia com a idade e com o zelo pela Lei que lhe parecia desabar com a pregação de Santo Estêvão. E por isso desejava que morresse, pondo assim de lado o amor do sangue e o parentesco, perante a observância e o zelo pela Religião. Por isso, guardava as vestes dos que apedrejavam o santo, para o apedrejar pelas mãos de todos, como diz Santo Agostinho, por estas palavras: *De tal maneira Saulo ajudava os que apedrejavam que não se satisfazia com ser ele a apedrejá-lo, com as suas mãos. Antes, para apedrejar a Estêvão com as mãos de todos, guardava as vestes de todos e assim era mais cruel ajudando-os a todos, do que se o apedrejasse com as próprias mãos.* Apanharam rapidamente as pedras e começaram a atirá-las com desmedida fúria a Estêvão que invocava o Senhor e dizia: *Senhor meu, Jesus Cristo, recebe o meu espírito.* Como os Judeus eram duros e empedernidos, atiravam pedras. E como o santo levita era brando e amoroso e tinha coração de carne, destilava doçura e suavidade.

Eles corriam às pedras e Estêvão à oração. Eles atiravam pedras duras e ele como um pedernal e pedra mais forte e dura, ferido pelas pedras, lançava do seu interior, não centelhas de ódio mas de amor para abrandar e abrasar os corações mais duros do que as próprias pedras que atiravam. Mas depois que Santo Estêvão encomendara o seu espírito ao Senhor, pondo-se de joelhos em terra, clamou com voz forte e disse: *Senhor, perdoai-lhes este pecado*



*e não os castigueis por ele.* Contudo fez a sua oração em pé e, por seus inimigos, ajoelhado. Pelos que o apedrejavam, levantou a voz para que Deus lhes perdoasse. E não se diz que levantou a voz para rezar por si, que estava em grande perigo pela obstinação deles. E como estava tão abrasado de caridade, não tinha tanto cuidado de si, como pela perdição e eterna condenação dos seus irmãos, imitando, nisto, o Senhor de toda a criação que na cruz suplicou ao Pai eterno que perdoasse aqueles que o crucificavam. Julgava que fazia pouco em seguir as pisadas do seu Mestre, pois existia uma grande diferença entre a sua vida e a vida de Cristo, entre a sua morte e a morte de Cristo. E é de crer que o Senhor ouviu aquela oração que saía de um peito tão incendiado de amor e tão desejoso de O imitar. Muitos que ali estavam e o apedrejavam se converteram e iluminados com a luz do Céu, receberam a fé de Cristo e morreram por ela. Pois que vemos como Saulo (que era um dos que os aticava e guardava as capas dos que o apedrejavam), pela oração de Santo Estêvão, de lobo se fez cordeiro e, de perseguidor de Cristo, se tornou apóstolo de Cristo e perseguido e morto por seu amor. Pois que a conversão de Paulo foi efeito da oração de Estêvão, como escreve santo Ambrósio. E santo Agostinho afirma claramente que se Estêvão não tivesse rezado, a Igreja não teria Paulo. E Paulo se levantou porque Estêvão se lançou por terra, rezou por ele e foi ouvido. E não é espanto que o Senhor ouvisse aquele que Ele próprio enchera de fé, de graça, de fortaleza e o adornasse de tantos dons do Espírito Santo e fê-lo, na sua morte, tão semelhante a si. Porque Jesus Cristo foi acusado de blasfêmia e condenado porque disse: Eu sou Cristo Filho de Deus. E vereis o Filho do Homem com poder, sentado à direita de Deus. E Santo Estêvão foi apedrejado por ter dito que via os Céus abertos e a Jesus que estava com poder à direita de Deus. Para acusar a Cristo procuraram testemunhas falsas e o mesmo fizeram a Estêvão. A um e a outro levaram da cidade para fora. O Senhor foi confortado por um anjo, quando rezava no horto. E Estêvão o foi pelo próprio Senhor quando o viu ao lado do Pai para o ajudar. O Senhor e o seu servo pediram pelos seus inimigos e encomendaram o seu espírito a Deus que o recebeu.

E assim conclui S. Lucas a história do martírio de santo Estêvão, com estas palavras: *Et cum haec dixisset, obdormivit in Domino.* E, dizendo estas palavras, acabando a oração que fez por aqueles que o apedrejavam, adormeceu no Senhor. No Senhor dormiu porque morreu no senhor, oferecendo-se em sacrifício pela fé e pelo amor aos seus irmãos. No Senhor adormeceu porque a sua morte foi um sono suave para ele e de grande preço para nós e, para toda a Igreja, de grande utilidade, por ter sido regada com o sangue deste bem-aventurado e fortíssimo mártir que, depois da Ascensão do Senhor, foi o primeiro que por seu amor, com invencível constância, o derramou. E, por isso, é chamado Santo Estêvão, protomártir e Primicério<sup>7</sup> dos mártires, porque, como dissemos, foi o primeiro que deu a vida por Cristo e, nele, se dedicaram e se ofereceram ao Senhor as primícias dos mártires e, nele, pelo seu exemplo, se abriu o caminho aos demais.

Morto o santíssimo levita e santíssimo Protomártir Estêvão, diz S. Lucas que alguns varões, com temor de Deus, tomaram o seu corpo e o sepultaram com grande pranto, quer dizer, com muita solenidade, como interpreta S. Jerónimo. O lugar e o modo como o enterraram, foi revelado por Gamaliel a Luciano, o Presbítero, como referimos no dia da Invenção (encontro, achado, descoberta) das suas preciosas relíquias, em 3 de Agosto. Foi apedrejado fora da porta de Aquilonar de Jerusalém. Deixaram o seu corpo no campo, durante um dia e uma noite, a fim de que as feras o comessem, mas nenhuma o tocou. E Gamaliel enviou homens fiéis e deu-lhes tudo o que precisavam, para que levassem o seu corpo, no seu carro, a uma aldeia sua, distante vinte milhas de Jerusalém, onde, à sua custa, durante setenta dias se celebraram as exéquias com muito sentimento e, no fim colocassem o corpo no sepulcro. Isto é o que refere Luciano, pela revelação que lhe fez Gamaliel. Mas os sacerdotes e escritas não ficaram satisfeitos com a morte de Santo Estêvão. Encarniçados e lambendo-se no

---

<sup>7</sup> Nota: Primicério significa o primeiro inscrito (evoca a inscrição na cera), mas também se refere a primícias de algo que se produz.

sangue que tinham derramado, se embraveceram contra os outros cristãos e moveram (como escreve S. Lucas) uma terrível perseguição contra a Igreja do Senhor que estava em Jerusalém, de tal modo que todos os crentes, excepto os apóstolos que eram as colunas, se ausentaram da cidade e se espalharam por diversas províncias, disseminando-os Deus por elas, como semente do Céu, para poder receber copiosa colheita com a sua pregação. Dorotheo diz (não sei donde o tira) que no dia em que foi apedrejado Santo Estêvão, morreu com ele Nicanor, um dos sete diáconos e outros dois mil cristãos com eles. Que Nicanor tenha sido morto com Santo Estêvão, também o diz Hipólito, mártir.

O martírio de Santo Estêvão foi no dia 26 de Dezembro (em que a santa Igreja o celebra), no próprio ano em que o Salvador morreu e subiu aos céus, e no primeiro dia em que começava o ano trinta e cinco do seu nascimento. Hipólito Tebano e Evodio escreveram que Santo Estêvão foi apedrejado sete anos depois que foi ordenado pelos apóstolos. Contudo, isto não tem fundamento, nem probabilidade.

Foi tão venerada a memória de Santo Estêvão pelos fiéis, desde o princípio da Igreja que S. Clemente, Papa escreveu que os apóstolos S. Pedro e S. Paulo mandaram que se guardasse o dia da sua festa. E Santo Inácio diz que Santo Estêvão foi ministro de S. Tiago menor, primeiro bispo de Jerusalém. S. Fulgêncio afirma que para alcançar a coroa do martírio, conforme o seu nome (Estêvão quer dizer Coroa) se armou o santo levita da caridade, pela qual não se deixou levar pelos judeus quando disputavam, e rezou por eles quando o apedrejavam. A caridade fazia com que os repreendesse para que se emendassem e que suplicasse a Deus para que não os castigasse, porque tinha mais pena dos pecados deles do que das suas feridas e chorava mais a morte das suas almas do que a do seu corpo. Mas não resplandece somente a caridade para com os seus inimigos, no martírio de Santo Estêvão. Mas também a fé, a sabedoria, a fortaleza, a liberdade e o zelo da glória do seu Senhor, a paciência e a constância com que morreu e todas as outras excelentíssimas virtudes que devemos procurar imitar. Todos os santos louvam, engradezem e enaltecem de forma extraordinária este beatíssimo e glorioso mártir, como se vê nas homilias que escreveram dele Santo agostinho, S. Gregório Niceno, S. Fulgêncio, S. Pedro Crisólogo, S. Bernardo, Eusébio Emisseno, Nizetas e tantos outros.

Os milagres que nosso Senhor fez por meio das relíquias de Santo Estêvão, quando mostrou o seu corpo, foram inumeráveis. Santo Agostinho refere alguns, como testemunha ocular e já referimos outros no dia da Invenção do seu corpo.

#### ***A Invenção dos corpos de Santo Estêvão, protomártir, Gamaliel, Nicodemos e Abibon.***

O sagrado corpo do glorioso Santo Estêvão, protomártir, esteve muito tempo encoberto e escondido, sem saber-se onde estava, até que o Senhor se dignou revelar, no tempo dos Imperadores Honório e Teodósio, o menor, seu sobrinho, no ano quatrocentos e quinze da nossa salvação. Esta revelação foi feita a Luciano, presbítero que refere como se passou toda a história, numa epístola (de que fazem menção muitos e graves autores) que escreveu em grego e que o presbítero Avivo traduziu em latim e que se resume.

Na noite de uma Sexta-feira, em 3 de Dezembro, estando a dormir no baptistério, como de costume, para melhor guardar a sua igreja e acorrer às necessidades dos seus paroquianos, apareceu a Luciano um venerável Velho, com traje e hábito de Sacerdote, de cabelos muito brancos e barba comprida, coberto com uma estola com pequenas pedras preciosas disseminadas e engastadas em ouro e nelas o sinal da santa cruz e com uma vara-de-ouro na mão. Aproximando-se de Luciano, tocou-lhe com a vara e chamou-o três vezes: Luciano, Luciano, ouve-me Luciano. E, falando-lhe em grego, mandou-o que fosse ter com João, bispo de Jerusalém e que lhe dissesse que procurasse os Corpos dos Santos que estavam perto daquela aldeia chamada Cafarmagala e os colocasse noutra lugar mais decente. Porque Deus por seus rogos decidira fazer bem ao mundo que estava em grande perigo de perder-se, pelos muitos e graves pecados que cada dia se cometiam. Perguntou Luciano ao velho venerável quem era e de quem eram os corpos que se deveriam procurar. E ele respondeu que era Gamaliel que tinha ensinado S. Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, em Jerusalém, e quem estava

na sepultura, com ele, no oriente, era o bendito mártir santo Estêvão que fora apedrejado pelos judeus e cujo corpo mandara guardar e enterrar numa herdade sua, a vinte milhas de Jerusalém. E que noutro lóculo e sepulcro estava o corpo de Nicodemos que por se ter baptizado e ser discípulo de Cristo, os judeus o excomungaram e desterraram da cidade e ele acolhera em sua casa e dado o que necessitava, durante o resto da vida e, depois da morte, o enterrou honorificamente próximo de Santo Estêvão. E que no terceiro lóculo, mais alto que os outros, estava um filho seu chamado Abibon que recebera o baptismo com o pai e tendo terminado o curso da vida com vinte anos, por sua disposição, tinha mandado que aí fosse sepultado consigo. Perguntou Luciano o lugar onde se encontravam os referidos corpos. E tendo-o indicado, desapareceu. Despertando, Luciano temeu que o que acontecera fosse alguma ilusão. Suplicou a Deus que se fosse revelação sua o mostrasse segunda e terceira vez. A fim de que Deus viesse em sua ajuda, jejuou toda aquela semana até Sexta-feira seguinte. De novo lhe apareceu Gamaliel, na mesma figura e traje e repreendeu-o por não ter cumprido o que lhe havia ordenado. Luciano não se deixou convencer com essa segunda aparição. Aguardou a terceira, jejuando e orando sempre, pedindo ao Senhor para que não o deixasse enganar-se. E, finalmente, na terceira Sexta-feira, voltou a aparecer Gamaliel mostrando-se aborrecido pelo pouco crédito que Luciano tinha dado às suas palavras e ordenou-lhe que fizesse o que tinha dito. E acrescentou que tivesse por graça singular de Deus o ter sido escolhido para servir uma causa tão grande, preterindo outros varões melhores que ele. Confirmado com aquela terceira revelação e atemorizado com as palavras e ameaças do santo velho Gamaliel, logo que o dia chegou foi a Jerusalém avistar-se com o bispo João e dar-lhe contas de tudo o que havia visto. O bispo, depois de ter dado graças a nosso Senhor, derramando muitas lágrimas, por tão notável benefício que se fazia à sua Igreja, ordenou que se executasse o que Gamaliel tinha revelado a Luciano. Tendo-se cavado um campo, transformado em montão de pedras, nada se encontrou do que procuravam. Gamaliel apareceu, então, a um monge, chamado Nugecio ou Nigecio e apontou-lhe o lugar onde estavam os corpos. Cavando nele, encontraram três sepulcros e lóculos, cobertos com três pedras e, nelas, as inscrições dos nomes: Celiel ou seja Servo, Apaandardan, isto é Nicodemos e Gamaliel. Veio o bispo João, acompanhado por Eleutério, bispo de Sebaste e de outro Eleutério, bispo de Jericó e de clero e grande número de gente. E abrindo a arca onde estava o corpo do glorioso Santo Estêvão, a terra começou a tremer e saiu um suavíssimo perfume e fragância celeste tão condensada daquele sagrado corpo que aos que estavam presentes lhes parecia estar no Paraíso. Tinham ocorrido a este espectáculo muitos enfermos e endemoninhados e, apenas com o perfume que saía daquelas preciosas relíquias curaram-se setenta e três de todo os géneros de enfermidades e os demónios, afugentados pela força do Santo mártir, deixaram livres aqueles que, antes, atormentavam. Os corpos santos foram trasladados para outros lugares mais decentes e o de Santo Estêvão para a santa Igreja de Sião, onde tinha sido ordenado diácono. Tudo isto diz Luciano na sua epístola e acrescenta que ele tomou alguns ossos pequenos das articulações das mãos de Santo Estêvão que, embora pequenos, eram grandes e de grande estima por serem ossos daquele valoroso comandante e soldado do Senhor que tão bem soube combater por ele e abrir caminho a outros com o seu exemplo, para que com a morte alcançasse a vida. Além disso, Luciano diz que tomou das poeiras em que as carnes de Santo Estêvão se tinham transformado e que enviou estas relíquias a Avito, presbítero e que isto se fez em 26 de Dezembro e que, naquele tempo, a terra estava seca, por não ter chovido e, na mesma hora, caiu tanta água do céu e regou a terra com tanta abundância que toda a gente ficou admirada, louvando e glorificando o Senhor.

2. Por esse tempo, em que Deus mostrou à sua Igreja um tesouro tão grande, Paulo Orósio, espanhol, foi a África avistar-se com o glorioso Doutor Santo Agostinho e aprender dele, coisas em que tinha dificuldade. E, depois de ser ensinado, este enviou-o a Jerusalém, para entrevistar-se com S. Jerónimo noutras dúvidas que tinha, especialmente do princípio e origem da alma racional e como varão tão douto e exercitado nas divinas letras, alcançasse o

que ele não podia dar: tanta era a humildade e modéstia de Santo Agostinho. Paulo Orósio fez a sua viagem e regressando de Jerusalém, foi o primeiro que trouxe para o Ocidente as relíquias do protomártir Santo Estêvão que pouco antes se haviam encontrado e, com elas, se enriqueceu a província de África, onde deus nosso Senhor operou inumeráveis e grandiosos milagres, por intercessão de Santo Estêvão e por este motivo foram edificadas muitas igrejas, como se vê em muitos lugares de Santo Agostinho. E Evódio, bispo de Uzalis (o primeiro que edificou em África a igreja de Santo Estêvão) por ocasião das relíquias escreveu dois livros de milagres admiráveis e incontáveis com que Deus operou por elas. E não somente África gozou este tesouro, mas também Espanha para onde as trouxe o mesmo Paulo Orósio. Passando pela ilha de Minorca deixou relíquias e foram tantos os prodígios e milagres que o Senhor fez por elas que os judeus residentes se converteram e receberam a Fé de Cristo, como escreveu Severo, o bispo da ilha de Minorca e o dito Evódio, bispo Uzalense (Tunísia). E também a França se levaram as relíquias deste gloriosíssimo mártir e aí resplandeceram muitos milagres como se vê em Gregório Turonense.

Mas o que é mais notável é um milagre perpétuo, até aos dias de hoje, das relíquias de Santo Estêvão. No tempo em que os Vândalos assolaram e destruíram a Província de África, S. Gaudioso, bispo, trouxe de lá para Nápoles, uma redoma de vidro, cheia de sangue coalhado de Santo Estêvão que se guarda com devoção na Igreja de S. Gaudioso, da mesma cidade de Nápoles. E o que é admirável acontece ao pôr-se a dita redoma sobre o altar, enquanto se diz a missa. O sangue coalhado se derrete e torna-se líquido, como se acabasse de sair das veias. Antes disto se trouxera para Ancona (Itália) uma pedra que lhe atiraram os judeus, quando o apedrejaram que se diz que o feriu num braço, com a qual nosso Senhor tem feito muitos milagres e defendido muitas vezes a cidade. Tudo isto nos leva à reverência e devoção às relíquias destes santos e amigos de Deus que grandes mercês dão ao mundo, quando as descobre, e por seu intermédio o defende e livra de grandes calamidades e infortúnios. E com quanta razão a Igreja católica celebra a festa da descoberta do corpo de Santo Estêvão, protomártir pelo qual recebeu e recebe continuamente tantos e tão singulares benefícios. Depois, sendo Pelágio Sumo Pontífice (556-561), trasladou-se o corpo de Santo Estêvão de Constantinopla para Roma e foi colocado no sepulcro de S. Lourenço, onde é reverenciado com grande devoção, como diz o Martirológio Romano, no dia da sua trasladação a sete de Maio.

Padre Pedro de Ribadeneyra, *Flos Sanctorum*, t. II, p. 423-425; t. III, p. 634-638, Barcelona 1790